

O SOM DO ABISMO EM PRETO E BRANCO

Mara Vanessa

A luz não invade mais o quarto. Nesse momento, posso ver as persianas balançando em movimentos bruscos, incontroláveis. Parece que vai chover, mas eu não sei ao certo. Há muito tempo que não sei sobre nada e, paralelo a esse desconhecimento, consigo entender tudo. Continuo deitado aqui, olhando para o teto, virando de um lado para o outro no meio desses lençóis amassados.

Quanto tempo passou desde a última vez em que eu a vi? Nosso amor envelheceu com a mesma velocidade das nossas ausências. Não consegui apagar os numerosos olhares confusos e sufocados! Olhares que ainda imitam os retratos em preto e branco que foram deixados para trás quando a porta bateu.

Acho que consigo levantar para preparar alguma sobra de comida velha. Quem sabe o armário, em sua infinita piedade inanimada, tenha guardado um pedaço do que era vivo naquele último dia 12 de junho. Maldito dia! Eu preferia não ter conseguido respirar naquela manhã de brilho falso, ilusório, hipócrita! Por que não desconfiei de nada? A resposta é simples: Sou aquele que você deixou para trás. O homem que eu fui cometeu o próprio assassinato no segundo em que você abandonou esse apartamento. Sabe aquele cara cheio de vida? Agora é uma sombra do ódio, um fantoche da amargura, um fantasma do mal! Não resta mais nada! Nada!

Lágrimas escorregam em desespero pelo meu rosto e não tenho tempo de conter o soluço compulsivo que se forma dentro da minha garganta. Por que você me esqueceu? Tudo estava indo tão bem! Nós já tínhamos conseguido alugar outro apartamento; você saiu do emprego chato para realizar o sonho de viver de arte; eu estava indo bem com as minhas ilustrações... O que te faltou? Eu devo ser dono de uma passividade doentia a ponto de não agir contra o mundo desmoronando ao meu redor.

Não tenho mais como saber. Você se foi. Depois de todo esse tempo, não tenho coragem de te incomodar ou fazer promessas. O que me resta é continuar

seguindo os ponteiros do relógio sem dizer uma palavra. Os pensamentos borbulham em minha mente e me tiram o sono, mas quem se importa? Sou o homem feito de dúvidas e sem nenhuma resposta.

Ah, achei um resto de pó de café – pelo menos, é o que parece – dentro de uma das suas latinhas de biscoito. Sempre admirei o talento que você demonstrava ao valorizar todos os tipos de objetos, ideias, pessoas. Nada se perdia em suas mãos; pelo contrário, partículas de coisa alguma entravam em combustão, metamorfoseando-se para uma existência útil e significativa. Esse era o seu maior encanto. Tal qual uma feiticeira, você transformava vidas medíocres em epifanias, *insights* de fogo, de intensidade e calor. Foi assim comigo. Eu ainda guardo fragmentos do ser humano que fui antes da sua presença em minha vida. Com a lacuna que você deixou, esses fragmentos costumam chegar com violência e me sugam todas as forças.

Quantas colheres de café? Ah, sim, são duas. Apenas duas. Nada mais será duplicado, mas é aflitivo aceitar isso. Dói dentro da alma ter que esquecer das tempestades enfrentadas quando você foi me resgatar. Eu estava perdido, rastejando para longe com medo do medo. O que me sobrava em um lugar onde eu era invisível? Dentro do peito, um picador retalhava aos montes o meu coração. Quantas vezes eu me senti igual a um barco de travessia, servindo como passagem para pés e rostos que jamais se lembrariam do meu nome. Sobrevivi acostumado ao desprezo e morto antes do tempo. Muitas cicatrizes foram se formando com o passar dos anos, e deixei de alimentar esperanças. O que poderia existir para mim além de uma porção de abutres esperando para comer minha carniça? Mas então você chegou, tocou, transformou. A água ferveu, vou diluir o café.

Pronto, agora ele está quente. Vou tomar de uma vez para que queime minha garganta. Olho ao redor e vejo o aterro sanitário que se tornou o lar que dividimos por oito anos até o último 12 de junho. Pelo calendário, a data é conhecida por ser o período comercial em que a venda de cartões românticos e quinquilharias caras escorre como cascata. Uma farsa, como tudo na vida. Não foi à toa que senti grande ressonância quando assistimos ao filme “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças”. Achei o título engraçado, mas não quis te contrariar quando você manifestou uma vontade insana de ir ao cinema só para ver esse filme. Para a minha surpresa, o dardo parou diretamente em mim. Um dos protagonistas diz que “o dia dos namorados foi inventado pelas indústrias de cartões para deixar as pessoas tristes”. Você sorriu da fala e sussurrou: “Que coisa sem sentido! Dia dos namorados é para amar”. Agora eu vejo, minha querida, que a única coisa sem sentido foi o nosso relacionamento.

O café esfriou. Não faz diferença. Deposito a xícara não lavada em cima da mesa e caminho de volta para a cama. Sem notar, esbarro em uma caixa de papéis antigos. A caixa acaba batendo em uma cadeira que sustentava um abajur sem lâmpada; a luminária escorrega, cai e estilhaça no chão em inúmeros pedaços. O que importa? Afasto os pedaços de porcelana com os pés até que vejo um minúsculo pedaço de papel solto entre as lascas. Por impulso, eu recolho o papel do chão, o abro e leio:

“12 de Junho.

Vou embora, você sabe. Você sempre soube. Pule o abismo. Ande sem muletas. Suas emoções não precisam mais delas.

Transforme. Viva. Abandone.”

O bilhete não estava assinado. E nem precisava. Naquele tropeço, eu fui capaz de escutar o som do abismo vindo do lado de fora. Uma tempestade desaba e sacode as persianas. Fúria. Som. Libertação. Cada hora única voa rapidamente. A força libertadora do abandono permanece ao meu lado desde o dia em que você fechou a porta e não olhou para trás. Paciente, ela esperou a decomposição e a recomposição da minha alma. Nas horas pavorosas do relógio-tempo, esse corpo imaterial foi indulgente e me permitiu soltar sopros de angústia. Nunca julgou a minha dor, mas soube se manter impassível mesmo quando eu sofria aos berros. O abandono estava ali para me ensinar que eu poderia viver por completo, terminar meus processos e construir meu interior sem alguém estar me guiando e apontando um caminho. Ser responsável pelo meu próprio destino abre possibilidades para o encantamento, ao invés da queda em pressões. O passado e suas doses homeopáticas de veneno começam a se desfazer. Livre. Completamente livre. Essa foi a sua maior prova de amor.

Deixando de lado os devaneios, abri a janela e joguei o bilhete fora. Antes de virar as costas, vi uma rajada de ar levar o pedaço de papel para longe. Muito longe. No dia seguinte, voltei para a velha mesa de madeira. Muitas ilustrações também esperavam por mim. Arrumei a casa do jeito que deu e abri a porta. Então, olho para dentro do apartamento, inspirando e expirando o ar ensolarado do novo amanhecer. Calmamente, abraço a maçaneta com os dedos e deixo a entrada

aberta. Desço as escadas e sigo em direção à rua. Na minha casa, um ímã de geladeira ainda sustenta um calendário que marca o dia 12 de junho de 2011.

~ **TRILHA SONORA** ~

You Know You're Right – Nirvana
Every You Every Me – Placebo
Song to Say Goodbye – Placebo
My Gift of Silence – Blackfield
Postcard – Steven Wilson

Mara Vanessa é jornalista, escritora e pesquisadora. Editora-Executiva no portal Interrogação e redatora no blog Dose Literária. Pós-graduanda em História, Cultura e Sociedade Pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Autora dos e-books “O Som do Abismo em Preto e Branco”, “Átimo” e “Os Sonhos de Jurema e Outras Historietas Sem Tempo”.